

Se o silêncio falasse ♦

Marcus André Vieira

O texto resume o modo como Lacan define a função fálica, associada a seu conceito de Nome-do-Pai, para interrogar o objeto fálico em uma análise para além de sua função de negatização do gozo no modo peculiar que é definido pelo Édipo freudiano. Passagens da análise do autor são retoadas para propor que o falo mantém seu papel de negatização, no entanto não mais atrelado ao sentidos e valores da constelação familiar edípica.

Lacan, Édipo, falo, gozo, passe.

I

Em algum remoto momento define-se para a criança que o pai guarda o segredo do desejo da mãe. Como Outro primordial, cuidador essencial do desamparo humano, ela é um enigma. Afinal, o que quer ela indo e vindo assim? Dando-me tudo e tudo me tirando ao desaparecer? O (sobre)nome que do pai recebemos passa, então, a sustentar a crença de que alguém em algum lugar tem essa chave para o gozo impossível, que falta. Seja o que vier encarnar o poder deste nome, nem sempre o pênis, será o falo. O essencial não são seus atributos, mas sua função, a de significante de que há algo a significar, algo que completará o quebra-cabeça e nos dirá por que somos tão malfeitos. Essa função fálica é o esteio da crença no Outro do sentido, esteio do que Lacan chamou fantasia, o roteiro de base para nosso teatro particular.

Pois bem, recordadas essas noções básicas, compreende-se como uma análise perturba toda essa ordem. Se alguma coisa ela faz é tirar o sentido dramático de nossa epopeia ou, em termos de Freud, fazer nossa miséria passar a infortúnio banal. Levada, então, a suas últimas consequências não é apenas o dramático, mas a própria consistência do teatro que se esvazia.

♦ Testemunho apresentado na EBP-Seção Minas, em 15 abr. 2014. Publicado como Vieira, M. A. “Se o silêncio falasse”, *Curinga*, Belo Horizonte, n. 39, jun. 2015. Publicação da Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Minas.

Ora, se o Outro não tem mais consistência, nem mesmo os roteiros básicos com que vivíamos nossos embates com ele, então a significação fálica necessariamente se perde.

Haveria outra função para o falo? Lacan ([1975-1976] 2007) parece propor que sim em seu *Seminário 23: o sinthoma*, quando afirma que o falo “verifica o real”. Esta frase é tão enigmática que prefiro destacar outra indicação. Lacan afirma que ser o suporte da função não é seu único uso quando exprime a diferença entre função e uso. Enquanto a primeira se destaca quando se trata de Nome-do-Pai, a segunda se apresenta quase sempre quando Lacan fala em sinthoma.

Como seria estranho viver sem nenhuma localização para o gozo! Talvez um dos usos do falo seja este, o de localizar o gozo, sem necessariamente relação direta com o Nome-do-Pai. De fato, o gozo fálico é sempre uma localização promovida pela negatização que causa, pois tudo empalidece diante do que está acontecendo ali, no aqui e agora de um gozo preciso. Nele, ilustra-o o orgasmo, concentram todos os poderes do mundo. É o gozo do aqui e agora, só que negativa todo o contexto em que intervém. É um aqui e agora vazio. É esse vazio que muda de valor em uma análise (Cf. o vazio do saco, no passe de Ram Mandil, 2014 ou do oco, no de Jésus Santiago, 2013). Nesse sentido, talvez o falo seja sempre um operador de negatividade, mas nem sempre seu uso é sustentar a fantasia e o Nome-do-Pai.

II

No meu caso, foi mais o silêncio que mudou de valor. Ele tinha sido até então como na canção *Dois Irmãos*, de Chico Buarque (1989), que ecoa a experiência de viver no pé de uma montanha rochosa. Todo dia, aquela imensidão maciça parecendo enorme em seu silêncio: “Dois Irmãos, quando vai alta a madrugada, a teus pés vêm se encostar os instrumentos”.

É um silêncio feito de enorme presença que nem sempre ficava só imensa e inerte. Para mim, às vezes ela se manifestava e nesse caso se apresentava mais como na quinta sinfonia de Beethoven: Tcham, tcham, tcham, tchaaam! Catástrofe!

A presença do Outro assim encarnada, em ambos os casos tornava um fracasso a sustentação fálico-viril da fantasia, que trabalhava justamente para negatizar essa presença. É o paradoxo da fantasia, que é o paradoxo da castração: ao negatizar o desmedido do gozo, torna-o um gozo decidido e localizado (que prazer!), mas ao mesmo tempo estará sempre refém desse desmedido que a qualquer momento pode vir a fazer efração e tudo devastar (que horror!).

Um sonho paradigmático pôs isso em cena:

É tarde da noite, chego em uma casa ao pé de uma montanha com uma enorme rocha em seu cume. Toda a cidade sabe que a pedra corre risco de desabar. No ar está o temor: “ela cairá? não cairá?”. Em silêncio, entro na casa, todos dormem. Começo um encontro sexual com uma desconhecida, minha mãe chega assustada

e me sussurra que corro perigo, não sei se é por conta do marido da moça, da indignação materna ou da catástrofe iminente. Parto como cheguei, em silêncio, noite adentro.

A interpretação do analista foi: “Aqui está a mãe de todos os sonhos”. De fato, esse sonho sintetiza a estrutura fantasmática em seus elementos mais básicos: um pai sem representação, a não ser o de um real aleatório, o gozo fálico pontual, marcado de saída pela ausência e a partida, a mãe aparentemente dona do saber, mas igualmente à mercê do gozo catastrófico do Outro.

Faltava somente uma coisa: encontrar um lugar para o gozo imenso, não recoberto pelo gozo sexual, fálico, que na cena da fantasia só se apresentava como catástrofe. A mãe/matriz de todos os sonhos não tinha como incluir, em sua cena, o gozo que sempre lhe excedeu. Foi este gozo que pude colocar na conta de minha existência, não como elemento de minhas histórias, mas como parte integrante delas, mesmo que incalculável, apenas pressentida. Este gozo se apresentou como o som do silêncio, o som do silêncio da pedra, que uma vez ouvido, me permitiu, enfim, concluir minha análise.

III

Retornando então ao falo, proponho para o debate: na fantasia o falo fracassa sempre. Sempre, em algum momento, ele terá que se haver com Outro gozo, que era tão presente como trovão, violência, mas às vezes angústia, êxtase, ou devastação – quando o Outro gozo rimava com os abismos do feminino.

Do ponto de vista do falo, creio que a passagem do gozo fálico para o regime da contingência foi o ganho da análise. Qual contingência? Não é a contingência como a imprevisibilidade do sim ou do não. Uma moeda tem sempre cinquenta por cento de chances de cair de um lado ou de outro. Essa é a contingência com que lida a fantasia (a da pedra cair). É o que visa afastar, e afasta, mas que, ainda assim, a assombra. A principal maneira de afastar o desmedido do gozo é a medida em que se constitui o gozo fálico (no encontro amoroso com a desconhecida). Como afirma tantas vezes Lacan ([1975-1976] 2007), o principal limite ao gozo é o prazer. O gozo fálico, o do poder, que é sempre o poder (imaginado) de satisfazer o Outro (e não de destruí-lo), transforma o assombro do gozo feminino no binário “sim ou não”, prazer, ou simples fracasso. A fantasia vem propor que, caso o cenário seja mantido, o gozo fálico virá, quando não vier seu fracasso, sim ou não. Isso me lembra a piada da aeromoça portuguesa que pergunta ao passageiro: “o senhor vai querer jantar”? E que, quando ele lhe pergunta “quais são minhas opções”, responde “sim ou não”.

A fantasia perde valor quando não é mais essa contingência que está em cena. A contingência em questão é outra, a seguinte: “Como não considerar que a contingência, ou o que cessa de não se escrever, não seja o lugar por onde se demonstra a impossibilidade, ou o que não cessa de não se escrever?” (LACAN, [1973] 2003, p. 556).

Coisas inesperadas só acontecem porque é impossível prever, senão elas seriam não contingentes, mas necessárias. Ou seja, o contingente verifica o impossível da relação.

No entanto, se nos pautamos pelo gozo esperado, previsto, o imprevisto é sempre fracasso da previsão. Estamos no regime do sim ou não, do gozo previsto ou de seu fracasso.

IV

Nos confins da fantasia às vezes é possível tomar o que acontece como tal. Ele tanto demonstra o impossível da relação esperada quanto é em si acontecimento e não fracasso. Podemos experimentar que a vida às vezes nos dá, como afirma Guimarães Rosa (1994, p. 519), “o leite que a vaca não prometeu”.

Se estamos nesse clima, o gozo fálico pode não ser apenas o que verifica e comprova que a vida às vezes dá certo, às vezes não, mas o que assinala um ponto de encontro, eventual ponte para a alteridade.

No meu caso, em que tudo se materializa em sons, em vez do silêncio e do trovão, uma fonação, esperando o Outro para produzir ressonância. Em vez de Beethoven, Chico :

Penso ouvir a pulsação atravessada
Do que foi e o que será noutra existência
[...]
É assim como se o ritmo do nada
Fosse, sim, todos os ritmos por dentro
Ou, então, como um música parada
Sobre um montanha em movimento.

Referências

- HOLANDA, C. B. *Morro Dois Irmãos*. Marola Edições Musicais Ltda., 1989. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/chico-buarque/morro-dois-irmaos.html#ixzz38i72XQU2>>. Acesso em: 27 jul. 2014.
- LACAN, J. Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos “Escritos” (1973). In: _____. *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 550-556.
- LACAN, J. *O seminário, livro 23: o sinthoma* (1975-1976). Tradução de Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. (Coleção Campo Freudiano no Brasil).
- MANDIL, R. Trauma e acontecimento de corpo. *Curinga*, Belo Horizonte, n. 37, dez. 2014, p. 161-167. Publicação da Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Minas.
- ROSA, J. G. Tutameia. In: _____. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 519.

SANTIAGO, J. O analista e as desordens no real do sexo no século XXI. *Curinga*, Belo Horizonte, n. 36, jun. 2013, p. 145-152. Publicação da Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Minas.